



Educação, Informação Comunicação e Saúde: Proteções contra a DESINFORMAÇÃO

SEMINARIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

EIXO TEMÁTICO:

GT 5 - Temas Livres em Desinformação, Ciência e Saúde

CARNAVAL E PANDEMIA: NARRATIVAS CONTRA A DESINFORMAÇÃO

CARNIVAL AND PANDEMIC: NARRATIVES AGAINST DISINFORMATION

Resumo: O presente artigo analisa de que forma o desfile da escola de samba Unidos do Viradouro, apresentado em 2022, abordou o tema da desinformação em saúde no contexto das pandemias da gripe espanhola e da Covid-19. O estudo parte do reconhecimento do carnaval como manifestação cultural que articula memória, crítica e produção de sentidos coletivos. O objetivo foi investigar como elementos visuais, musicais e narrativos do desfile mobilizam reflexões sobre a circulação de informações falsas em contextos de crise sanitária. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com base em análise documental e análise crítica da narrativa, utilizando fontes audiovisuais, textuais e orais de domínio público, como o Livro Abre-Alas da LIESA, registros televisivos, sinopses e entrevistas. Os resultados indicam que o desfile atualiza alegorias históricas e recorre à sátira como linguagem crítica, retomando episódios da gripe espanhola para tensionar práticas de desinformação verificadas durante a pandemia recente. A análise revela a persistência de padrões desinformativos, como a promoção de curas milagrosas e a mobilização de símbolos de autoridade para validar discursos sem base científica. Conclui-se que as escolas de samba atuam como espaços de produção simbólica e comunicação em saúde, capazes de construir narrativas críticas e educativas. A articulação entre carnaval, saúde coletiva e comunicação aponta possibilidades para fortalecer o letramento midiático e enfrentar as desordens informacionais que ameaçam o direito à saúde.

Palavras-chave: carnaval; desinformação em saúde; pandemia.

Abstract: This article analyzes how the 2022 parade of the samba school Unidos do Viradouro addressed the issue of health-related disinformation in the context of the Spanish flu and Covid-19 pandemics. The study begins with the recognition of carnival as a cultural manifestation that articulates memory, critique, and the production of collective meaning. The objective was to investigate how the parade's visual, musical, and narrative elements prompt reflections on the spread of false information during public health crises. The research adopts a qualitative approach, based on documentary analysis and critical narrative analysis, drawing on publicly available audiovisual, textual, and oral sources such as the *Livro Abre-Alas* published by LIESA, television broadcasts, synopses, and interviews.

The findings suggest that the parade reactivates historical allegories and employs satire as a critical language, referencing episodes from the Spanish flu to challenge contemporary disinformation practices observed during the Covid-19 pandemic. The analysis reveals the persistence of disinformation patterns, including the promotion of miracle cures and the use of authoritative symbols to legitimize scientifically unsubstantiated claims. The study concludes that samba schools function as spaces of symbolic production and health communication,

capable of generating critical and educational narratives. The intersection of carnival, public health, and communication opens pathways to strengthening media literacy and addressing the informational disorders that threaten the right to health.

Keywords: carnival; health disinformation; pandemic.

1 INTRODUÇÃO: No girar da bandeira, o pavilhão se constrói em narrativa

O carnaval, enquanto manifestação cultural, ultrapassa a noção de entretenimento ao incorporar dimensões simbólicas, históricas e políticas. No Brasil, os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro constituem um conjunto de práticas artísticas e organizativas que articulam memória social, crítica e expressão coletiva. Suas origens estão vinculadas aos cordões e ranchos — formas de sociabilidade urbana que integravam elementos de matrizes africanas, europeias e indígenas (Cabral, 2011). De acordo com Albin (2009), o carnaval carioca também foi influenciado por festas de igrejas e celebrações religiosas populares, como as festas de São Jorge, as folias do Divino e os congos, que contribuíram para o caráter híbrido e multifacetado do evento.

Estudos sobre o surgimento das escolas de samba indicam que não há consenso sobre o momento exato em que a nomenclatura foi adotada, sendo os ranchos frequentemente apontados como os agrupamentos que antecederam essa configuração (Candeias, 2024). Ao longo do tempo, o carnaval passou a ser amplamente veiculado pelos meios de comunicação, com a imprensa escrita, o rádio e, posteriormente, a televisão desempenhando papel significativo em sua projeção nacional. A televisão, em especial, influenciou a transformação dos desfiles em espetáculos midiáticos, marcados por cenários elaborados, grande visibilidade pública e financiamento institucional. Conforme discutido por Silva (2021) e Kiffer e Ferreira (2015), os desfiles passaram a integrar uma lógica de valorização econômica e cultural que posiciona as escolas de samba como representações simbólicas da cultura brasileira em contexto nacional e internacional.

A relevância social e econômica do evento também se reflete nos dados recentes da Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 2024, informações da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Econômico (SMDUE), da Fundação João Goulart (FJG) e da Riotur indicaram que cerca de 8 milhões de pessoas participaram da festa, gerando uma movimentação de R\$ 5 bilhões e arrecadação tributária de R\$ 500 milhões. Em relação à audiência televisiva, o desfile alcançou média de 16 pontos

e chegou a 36 durante a apuração, com concentração de público na região metropolitana fluminense.

Dentre os diversos temas abordados em seus desfiles, as escolas de samba também incorporam questões relacionadas à saúde. Entre esses temas, destacam-se saúde mental, fé e espiritualidade, saúde ambiental, história da medicina e doação de órgãos. No ano de 2022, com o retorno dos desfiles após a suspensão provocada pela pandemia de Covid-19, a escola de samba Unidos do Viradouro apresentou o enredo “Não Há Tristeza Que Possa Suportar Tanta Alegria”, estabelecendo um paralelo entre a pandemia do coronavírus e a gripe espanhola. A proposta narrava episódios de sofrimento coletivo e articulava elementos históricos e contemporâneos, incluindo referências à circulação de informações falsas sobre saúde.

A disseminação de desinformação em contextos de crise sanitária representa um problema de grande impacto para a saúde pública. Durante a pandemia da Covid-19, a difusão de fake News, frequentemente promovidas por redes sociais, agentes públicos e outras fontes de grande alcance, comprometeu o engajamento da população em medidas de prevenção, além de afetar a percepção sobre a ciência e os sistemas de saúde. Nesse cenário, diferentes formas de comunicação social passaram a ser mobilizadas como estratégias alternativas para a promoção de informação e enfrentamento do negacionismo.

Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira o desfile da Unidos do Viradouro abordou o tema da desinformação em saúde, no contexto das pandemias da Covid-19 e da gripe espanhola, e discutir como essa narrativa se articula com questões da saúde coletiva. A investigação se apoia em análise documental e análise crítica do discurso, com base em materiais audiovisuais, registros jornalísticos e entrevistas produzidas no período. A articulação entre carnaval, pandemia, circulação de informações e saúde pública é aqui considerada a partir do ponto de vista das práticas comunicacionais e culturais. O estudo busca contribuir com os debates sobre educação em saúde e comunicação pública, com atenção às mediações culturais que se expressam por meio de manifestações populares.

2 ESCOLAS DE SAMBA, PANDEMIAS E DISPUTAS INFORMACIONAIS

O samba, enquanto expressão cultural afro-brasileira, representa mais do que um gênero musical ou uma manifestação festiva. Trata-se de uma forma de organização simbólica e histórica que expressa saberes populares e modos de vida

de grupos subalternizados. Para Muniz Sodré (1998), o samba é um instrumento de afirmação da etnia negra na vida urbana, tendo papel ativo nas lutas sociais e culturais. Simas (2020) reforça essa perspectiva ao destacar que o samba articula elementos cotidianos, espirituais e comunitários, sendo um sistema de referências culturais no qual circulam práticas de existência, celebração e resistência.

As escolas de samba, por sua vez, não devem ser compreendidas apenas como agremiações carnavalescas, mas como movimentos sociais organizados em territórios periféricos e racializados. Segundo Paim (2006) os coletivos mobilizam práticas políticas, econômicas e ideológicas voltadas para o enfrentamento das desigualdades. Como destaca Arouca (2003), os movimentos sociais são expressões de uma vontade coletiva de transformação social e têm origem em processos históricos de insatisfação e exclusão.

Como ressalta Paim (2006), as práticas sociais não emergem de forma isolada. Elas são resultado de condições históricas atravessadas pela desigualdade e pelo silenciamento. A colonialidade do poder, descrita por Reis (2022), ainda estrutura os lugares de fala e de reconhecimento das comunidades negras e periféricas. Segundo a autora, a diferença colonial opera classificando sujeitos em categorias hierarquizadas de humanidade, mantendo determinados grupos sob tutela e apagamento simbólico.

As escolas de samba estão constantemente comunicando, tanto para suas comunidades quanto para a população brasileira conectada por meio da televisão e de outros meios digitais. A discussão sobre comunicação, especialmente quando associada ao direito à comunicação, é central para compreender como esses grupos acessam e disputam espaços de representação. Stevanim e Murtinho (2021) destacam que a comunicação deve ser compreendida como um direito humano, indissociável da cidadania plena. O acesso equitativo aos meios de expressão e informação é condição para o exercício da democracia e para o reconhecimento de subjetividades diversas. Ó Siochrú (2005) reforça que o direito à comunicação não se reduz à liberdade de expressão, mas abrange condições materiais, culturais e institucionais que garantam participação real nos espaços midiáticos.

A democratização da comunicação exige transformações nas estruturas de poder e na forma como a comunicação é produzida e distribuída. Stevanim e Murtinho (2021) apontam que reconhecer a comunicação como bem público implica promover condições de igualdade para a expressão de diferentes vozes. Bordenave (1983)

entende a comunicação como processo educativo e de aquisição de poder, vinculando participação e emancipação social. No campo da comunicação e saúde, essas discussões ganham relevância ao abordar como os discursos são construídos e disseminados em contextos de crise sanitária.

O campo da Comunicação e Saúde (C&S) não se limita à transmissão instrumental de mensagens. Araújo e Cardoso (2007) argumentam que a comunicação deve ser compreendida como processo simbólico e relacional que estrutura sentidos e atua como mediadora das interações sociais. Para Rangel-S et al. (2023), a comunicação contribui para ampliar a participação popular e o controle social sobre o SUS, criando condições para que diferentes saberes se encontrem. Ramos (2012) observa que a comunicação em saúde é fundamental para populações vulnerabilizadas, sendo necessária sua adaptação a contextos culturais, cognitivos, emocionais e linguísticos diversos.

Com a pandemia da Covid-19, tornaram-se evidentes os impactos da desinformação no campo da saúde. A produção e circulação de notícias falsas, conhecidas como *fake news*, aumentaram significativamente em ambientes digitais. Shu et al. (2017) caracterizam essas notícias como informações falsas com intenção de enganar. Recuero e Gruzd (2019) acrescentam que são construídas para atingir interesses específicos e manipular a opinião pública.

Esse fenômeno é agravado por mecanismos como homofilia e bolhas de filtro. Segundo McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001), as pessoas tendem a interagir com outras semelhantes, o que facilita a propagação de desinformação em grupos homogêneos. Santaella (2019) aponta que os algoritmos reforçam essas bolhas, promovendo segmentação ideológica e fechamento cognitivo. Essa dinâmica, conforme Alves e Maciel (2020), transforma a informação em instrumento de disputa, em que a veracidade é secundarizada frente à estratégia de combate simbólico.

No contexto sanitário, a disseminação de desinformação tem efeitos imediatos. Ribeiro e Ortellado (2018) identificam que, mais do que negar a verdade, essas notícias têm o objetivo de construir narrativas combativas. Para Greifeneder et al. (2020), desinformação é definida como informação falsa criada com o propósito de prejudicar, enquanto má-informação refere-se a erros ou distorções. Santos-D'Amorim e Miranda (2021) destacam a complexidade do fenômeno e sua diferença em relação à informação incorreta ou descontextualizada.

Kapantai et al. (2021) propõem uma taxonomia da desordem informacional durante a pandemia, que inclui teorias da conspiração, má-informação e desinfodemia. De acordo com Posetti e Bontcheva (2020), a desinfodemia é uma forma de infodemia em que a circulação massiva de conteúdos falsos ou distorcidos compromete o acesso à informação confiável em contextos de crise. Oliveira (2020) reforça que esse excesso informacional, associado à ansiedade coletiva, compromete a capacidade de discernimento da população.

Diante desse cenário social, uma das estratégias de enfrentamento à desinformação pode ser identificada nos princípios da Educação Popular em Saúde (EPS). A EPS nos permite compreender as escolas de samba como espaços educativos. Valla, Guimarães e Lacerda (2005) mostram que a educação em saúde, historicamente, foi utilizada de forma verticalizada, com imposição de saberes técnicos sobre as classes populares. Em contrapartida, a educação popular valoriza os saberes oriundos das experiências de vida e luta das comunidades. Candeias (2024), ao citar Simas (2020), reconhece as escolas de samba como redes de sociabilidade que atuam na construção de identidades e na mobilização comunitária. Para Freire (2006), esse processo educativo ocorre na relação com os oprimidos, e não sobre eles, numa pedagogia que emerge da vida cotidiana e das lutas por dignidade.

2.1 A dança metodológica da pesquisa

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, voltada à análise de manifestações culturais como formas de produção de sentidos em contextos sociais determinados. Parte-se da compreensão de que o carnaval, enquanto prática cultural, pode ser investigado por meio dos enredos, imagens e discursos que o compõem, os quais operam como elementos narrativos em disputa simbólica.

O corpus da pesquisa é composto pelo desfile da escola de samba Unidos do Viradouro, apresentado no ano de 2022, cujo enredo “Não Há Tristeza Que Possa Suportar Tanta Alegria” estabeleceu relações entre as pandemias da gripe espanhola e da Covid-19. Para a constituição do material empírico, foram selecionadas fontes diversas de domínio público: vídeos das apresentações disponíveis no *YouTube*® e na plataforma de *streaming* Globoplay®; a letra oficial do samba-enredo; a sinopse

escrita por carnavalescos e pesquisadores; a Revista dos Roteiros dos Desfiles; e o livro Abre-Alas do mesmo ano.

O livro Abre-Alas é uma publicação organizada pela Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), com a finalidade de orientar os julgadores e a imprensa. Ele reúne informações técnicas sobre os quesitos avaliativos e os projetos das agremiações. Já a Revista dos Roteiros dos Desfiles, era elaborada pela Companhia Multiplicar sob encomenda das ligas, disponibilizada em formato físico nos dias do evento e de forma digital. Essa revista contém a sinopse, o samba-enredo, a ficha técnica e a descrição sequencial das alas e carros, funcionando como guia temático e estrutural do desfile.

Além desses materiais, foram utilizadas fontes orais distribuídas em meios digitais, como entrevistas com representantes da agremiação, compositores e carnavalescos, além de podcasts e vídeos informais compartilhados em plataformas abertas. O uso dessas fontes considera a oralidade registrada em mídias digitais como recurso metodológico válido para a construção da análise, particularmente no que se refere à reconstrução de sentidos e intenções narrativas.

A análise seguiu os princípios da análise crítica da narrativa, conforme Motta (2013), que entende a narrativa como construção discursiva inserida em contextos socioculturais, marcada por interesses dos narradores e articulada por diferentes recursos expressivos. Motta (2013) propõe três planos analíticos da narrativa. O primeiro é o da expressão, que abrange os recursos linguísticos e semióticos usados no enunciado — como linguagem visual, sonora, gestual ou verbal. No carnaval, isso inclui sons, imagens e coreografias do desfile. O segundo é o da história, ligado à sequência de ações e eventos narrados. O terceiro é o da metanarrativa, que ativa significados mais amplos associados a temas como justiça, fé ou resistência. No caso analisado, esses planos ajudam a compreender como a narrativa do desfile articula aspectos históricos, discursivos e simbólicos das pandemias e da desinformação em saúde.

A pesquisa baseou-se na análise documental de materiais públicos disponíveis em plataformas digitais. Por não envolver participantes humanos de forma direta, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, as decisões metodológicas seguiram princípios éticos inspirados em abordagens decoloniais, buscando evitar práticas extrativistas sobre saberes de grupos historicamente marginalizados. As fontes orais foram reconhecidas como registros significativos para

a construção da narrativa, considerando sua especificidade e inserção no contexto cultural analisado.

2.2 No compasso do samba, as tramas da desinformação e da saúde

O desfile da Viradouro de 2022 traz como tema o Carnaval pós-pandemia e suas conexões com a história do Carnaval de 1919, entrelaçando memória histórica, ressignificação do sofrimento e o poder da alegria carnavalesca como elemento de resistência. O desfile interpreta o momento como superação, utilizando a simbologia do Carnaval de 1919, em que a sociedade carioca se “vinga da dor da Gripe Espanhola”, refletindo a resiliência e a busca pela recuperação emocional após o impacto de uma pandemia. A Viradouro propõe construir uma narrativa que trabalhe a ironia e a esperança, além de retratar como a festa carnavalesca desempenhou papel na recuperação do espírito coletivo da população.

É nomeado o carnaval das pandemias porque é o primeiro após a Covid-19, ao mesmo tempo em que retrata o primeiro carnaval após a pandemia de gripe espanhola em 1918. O desfile percorre os carnavais das Grandes Sociedades, onde os mais ricos participavam, para depois abordar o carnaval da Praça XV, frequentado pelo povo preto e pelas classes sociais mais baixas. No entanto, para fins de análise sobre fake news e desinformação em saúde, o foco recairá sobre o segundo setor do desfile.

O segundo setor, intitulado “Alegoria Ironizando a Lucidez”, articula uma narrativa carnavalesca que ironiza as respostas sociais à pandemia da Gripe Espanhola de 1918, mobilizando o deboche como linguagem central. Inspirado em registros históricos das Grandes Sociedades, o setor representa a forma como a população carioca lidou com a morte e o sofrimento por meio da sátira e do riso, sobretudo durante o Carnaval de 1919. Cenas como o desfile do Bonde da Revanche, ocupado por “chorões”, figuras humildes que assumem a condição de passageiros rumo à Praça da República, evocam tanto a crítica à precariedade das soluções sanitárias quanto a celebração da sobrevivência (LIESA, 2022). Assim, o segundo setor constrói uma sátira visual e simbólica que evidencia a persistência das desigualdades e das narrativas de resistência em contextos de crise sanitária (LIESA, 2022).

A Ala 4 do desfile da Unidos do Viradouro, intitulada “La Dansarina”, resgata a alegoria construída pelo clube carnavalesco Os Fenianos durante o Carnaval de 1919, em resposta à pandemia da Gripe Espanhola. Conforme descrito no Livro Abre-Alas

da agremiação (LIESA, 2022), essa figura é encenada com elementos da cultura hispânica, representando a peste como uma mulher sedutora que conduz suas vítimas à morte por meio da dança. A teatralização da doença revela-se carregada de erotismo e ironia trágica, mobilizando o imaginário coletivo sobre a peste como uma ameaça velada pela beleza. No trecho publicado à época pelo jornal Correio da Manhã (04 mar. 1919), a personagem é descrita como uma “*bella creatura*” que, após encantar o público, “atirava os amantes ao fundo das sepulturas”. A metáfora da dança “patuscada” desloca a compreensão da epidemia para o campo do simbólico, reafirmando a tradição carnavalesca de subverter o sofrimento por meio do riso e da fantasia.

A associação do vírus ao país europeu se deu porque a Espanha, neutra na Primeira Guerra Mundial, não adotava censura em sua imprensa, o que fez com que as notícias sobre a epidemia circulassem amplamente por seus jornais, ao contrário das nações envolvidas no conflito, que omitiam os casos por questões estratégicas. A falsa associação geográfica da doença, amplamente difundida à época, é exemplo de desinformação consolidada como verdade histórica, reforçando como as narrativas midiáticas influenciam a memória coletiva e a representação das crises sanitárias.

A alegoria “Chá da Meia-Noite”, descrita no Livro Abre-Alas (LIESA, 2022), remete a uma antiga crença segundo a qual esse chá, oferecido em hospitais, apressaria a morte dos infectados. Tal narrativa, caracterizada hoje como *fake news*, foi ironicamente recuperada no desfile, em tom satírico. Este movimento de reaproximação à vida é também reforçado pelo “Chá da Meia-Noite”, narrado como um remédio misterioso e ineficaz, que se torna uma alegoria de como a sociedade lidou com a incerteza e os remédios improvisados durante a pandemia, lembrando as *fakes news* que emergem em tempos de crise (LIESA, 2022).

A ala 5 — “Cocotas Emplumadas e Boêmios Calibrinas” — representou homens e mulheres em trajes trocados, simbolizando alimentos e bebidas supostamente curativos, como canja de galinha e caipirinha. O cruzamento entre oralidade, saúde e humor foi dramatizado por meio de travestimentos e gestos caricatos, evocando elementos da malandragem, do bloco de sujos e da cultura popular carnavalesca.

Durante a transmissão televisiva, o narrador, Alex Escobar, contextualizou o desfile ao afirmar que “ninguém sabia exatamente o que estava acontecendo” nos primeiros momentos da pandemia (TV Globo, 2022). Essa fala introduz a atmosfera de incerteza e desorientação inicial diante da Covid-19. Em seguida, Escobar retoma

a relação com o passado ao comentar: “Tinha fake news lá em 1919. [...] Começaram a dizer que: não vá para o hospital não porque lá vão te dar um chá e você vai morrer” (TV Globo, 2022). A declaração estabelece uma ponte direta entre os dois contextos históricos, evidenciando a continuidade de padrões de desinformação e desconfiança em relação aos serviços de saúde.

Segundo Raquel Recuero e Anatoliy Gruzd (2019), as *fakes news* vão além de informações pela metade ou simplesmente “mal apuradas”; tratam-se, na verdade, de informações falsas intencionalmente divulgadas para alcançar indivíduos ou grupos de interesse. Outro “remédio” abordado na obra é a caipirinha — um xarope com cachaça e limão — administrado nas casas de saúde que não eram estabelecimentos formais. Os blocos de rua e as grandes sociedades ironizaram o fato, transformando a caipirinha na bebida do carnaval.

A negação da ciência e a resistência a medidas de saúde pública são questões que atravessam o tempo. A análise comparativa entre as pandemias de gripe espanhola e Covid-19, realizada por Figueiredo et al. (2022), revela a permanência de padrões na disseminação de desinformação em contextos de crise sanitária. Em ambos os períodos, observou-se a recorrência de estratégias baseadas na minimização da gravidade da doença, na promoção de curas milagrosas e na apropriação de discursos de autoridade para legitimar conteúdos falsos. Enquanto, no início do século XX, médicos, farmacêuticos e veículos da imprensa, como o jornal Correio da Manhã, atuavam como principais difusores dessas mensagens, durante a pandemia de Covid-19 o cenário se complexificou com o surgimento de novos atores, como *youtubers*, políticos, médicos negacionistas e plataformas digitais. Essa transição de suportes comunicacionais evidencia a resiliência de uma lógica desinformativa que se adapta às transformações tecnológicas, mas mantém sua estrutura argumentativa (Figueiredo et al., 2022).

Um dos mecanismos mais eficazes da desinformação foi a construção da verossimilhança. Durante a pandemia de 1918, produtos como a “Grippina” e a “água purgativa Queiroz” foram amplamente divulgados com o endosso nominal de profissionais da medicina, o que conferia credibilidade às recomendações. Já na crise da Covid-19, esse processo foi intensificado pelo uso simbólico de elementos como o jaleco branco e pela falsa associação a instituições científicas de prestígio, como a Fiocruz e a USP. A linguagem técnica e a aparência de neutralidade foram mobilizadas para reforçar a autoridade do discurso e mascarar sua fragilidade

científica. Como observam os autores, “mesmo informações falsas adquirem legitimidade social” quando articuladas a figuras de prestígio ou à retórica médica (Figueiredo et al., 2022, p. 5–6).

Na pandemia recente, o fenômeno da desinformação ultrapassou a esfera privada e passou a ser estimulado institucionalmente, sobretudo pela atuação do governo federal brasileiro. Figueiredo et al. (2022) mencionam, por exemplo, a Nota Técnica nº 2 do Ministério da Saúde, que promovia tratamentos sem eficácia comprovada. Esse uso político da desinformação contribuiu para a desorganização do sistema de saúde pública, enfraqueceu a confiança social na ciência e fomentou comportamentos como a hesitação vacinal. Em resposta, os autores propõem a valorização da educação em saúde como estratégia central no enfrentamento das infodemias, destacando a necessidade de formar profissionais capacitados a produzir e disseminar informações científicas baseadas em evidências (Figueiredo et al., 2022).

Durante a pandemia de Covid-19, a desinformação configurou-se como uma ameaça direta à saúde pública, criando um ambiente de desinfodemia com impactos significativos sobre os direitos à saúde e à informação. Araujo Pinto e Carvalho (2023) enfatizam que esse fenômeno impôs um desafio multidisciplinar às áreas da Comunicação e da Saúde, ao evidenciar como a circulação de informações falsas compromete o acesso a dados confiáveis e dificulta a tomada de decisões informadas. Nesse cenário, o Estado brasileiro não apenas falhou em conter a desinformação, como também foi identificado como um de seus principais agentes disseminadores. Entre 2020 e 2021, o governo federal e o Ministério da Saúde promoveram medicamentos ineficazes, como a cloroquina, e sustentaram uma comunicação caracterizada por opacidade e politização. Segundo os autores, o Ministério da Saúde chegou a publicar postagens defendendo o uso da cloroquina mesmo após sua rejeição por agências internacionais, comprometendo a credibilidade das instituições sanitárias e dificultando a adoção de medidas preventivas pela população (Araujo Pinto; Carvalho, 2023).

Em contraposição à atuação do governo federal, universidades públicas e organizações da sociedade civil assumiram um papel central no enfrentamento à desinformação. Iniciativas coordenadas por instituições como a Fiocruz e por coletivos interdisciplinares, como a Rede Covida e o Observatório Covid-Br, foram fundamentais na produção e disseminação de dados científicos acessíveis à

população (Araujo Pinto; Carvalho, 2023). Essas ações evidenciam a importância de abordagens que articulem comunicação social e saúde pública, com ênfase no fortalecimento do letramento midiático e científico. Para os autores, estratégias de LM são capazes de orientar os cidadãos na leitura crítica de conteúdos informacionais e na identificação de fontes confiáveis, contribuindo para o exercício pleno do direito à saúde e à comunicação (Araujo Pinto; Carvalho, 2023). Esse tipo de educação, voltado à autonomia crítica da população, torna-se especialmente relevante diante da complexidade do ecossistema digital contemporâneo.

3 ECOS DO TAMBOR E RUÍDOS DA PANDEMIA: narrativas sobre saúde e desinformação

O desfile da Unidos do Viradouro, apresentado em 2022, mobilizou uma narrativa carnavalesca que resgata memórias da pandemia da gripe espanhola para refletir criticamente sobre o cenário contemporâneo da Covid-19. Ao combinar elementos históricos, simbólicos e populares, o enredo constrói um discurso visual e sonoro que problematiza o papel da desinformação em contextos de crise sanitária, ativando recursos estéticos e culturais para elaborar coletivamente experiências de dor, incerteza e resistência.

A análise do segundo setor do desfile evidenciou a permanência de práticas comunicacionais associadas à propagação de conteúdos falsos sobre saúde. A reatualização de personagens como “La Dansarina” e alegorias como o “Chá da Meia-Noite” revela como *fake news* e crenças infundadas circularam em ambos os períodos pandêmicos, instrumentalizadas por figuras de autoridade e amplificadas por veículos de comunicação. A continuidade histórica desses fenômenos, conforme discutido por Figueiredo et al. (2022), indica que a desinformação não é apenas um problema tecnológico contemporâneo, mas um elemento estruturante de disputas informacionais em saúde.

Além de dramatizar as consequências da desinformação, o desfile também aponta para formas alternativas de produção de sentido e de enfrentamento simbólico. A sátira, o deboche e a teatralidade funcionam como mecanismos de crítica e elaboração coletiva, inserindo o carnaval na arena da comunicação pública em saúde. Como observam Araujo Pinto e Carvalho (2023), é necessário reconhecer a importância das mediações culturais no enfrentamento das desinfodemias, sobretudo quando elas se expressam em espaços historicamente marginalizados.

A pesquisa evidenciou, ainda, a relevância das escolas de samba como territórios educativos e comunicativos, capazes de operar intervenções discursivas sobre temas urgentes da vida social brasileira. Ao recorrer à memória afetiva e à linguagem popular, o desfile transforma a avenida em espaço de produção de saberes, onde saúde, política e cultura se entrecruzam. Essa dimensão pedagógica do espetáculo carnavalesco dialoga com os princípios da educação popular em saúde e reforça o potencial das manifestações culturais como estratégias de comunicação crítica.

Diante da recorrência da desinformação em crises sanitárias e do papel ativo de agentes públicos na sua disseminação, como verificado durante a pandemia de Covid-19, torna-se fundamental investir em políticas públicas que integrem comunicação, cultura e saúde. O reconhecimento da potência educativa das escolas de samba e de outras expressões populares deve ser parte das estratégias de letramento científico e midiático, capazes de fortalecer o direito à informação qualificada e ao cuidado coletivo.

REFERÊNCIAS

ALBIN, Ricardo Cravo. **MPB: a história de um século**. Rio de Janeiro: Editora Paracatu, 2009.

ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade**, n. 1, v. 1, fev. 2020.

ARAUJO PINTO, Pâmela; CARVALHO, Eleonora de Magalhães. O enfrentamento à desinformação sobre saúde pública no Brasil: registros entre 2020 e 2022. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 140–167, 2023. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br>. Acesso em: 28 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28051>.

BORDENAVE, Juan Díaz. Democratização da comunicação: teoria e prática. Chasqui: **Jornal Latino-Americano de Comunicação**, n. 1, p. 13–20, 1981.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro – 1**. São Paulo: Lazuli Editora; Companhia Editora Nacional, 2011.

CANDEIAS, Paulo Roberto Pergentino das. Escolas de samba como espaço de construção do pertencimento afrocentrado de sambistas negros no Brasil. 2024. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

FIGUEIREDO, Eluana Borges Leitão de et al. Influenciadores da desinformação nas pandemias de gripe espanhola e Covid-19: um estudo documental. **Revista Brasileira**

de *Educação Médica*, v. 46, n. 2, e078, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20220043>.

GREIFENEDER, Rainer et al. **The psychology of fake news: accepting, sharing, and correcting misinformation**. New York: Routledge, 2020.

KAPANTAI, Eleni et al. A systematic literature review on disinformation: toward a unified taxonomical framework. **New Media & Society**, v. 23, n. 5, p. 1301–1326, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444820959296>. Acesso em: 28 maio 2025.

LIESA. Abre-Alas 2022: **Unidos do Viradouro – Não há tristeza que possa suportar tanta alegria**. Rio de Janeiro: Liga Independente das Escolas de Samba, 2022.

MOTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

Ó SIOCHRÚ, Seán. Los derechos de la comunicación y la Campaña CRIS. **América Latina en Movimiento**, n. 399–400, p. 19–23, 2005.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 21–35, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.03>. Acesso em: 28 maio 2025.

PAIM, Jairnilson Silva. **Desafios para a saúde coletiva no século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2006.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemia: descifrando la desinformación sobre el COVID-19**. Paris: UNESCO, 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation_es.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

RAMOS, Nilson. Comunicação em saúde e interculturalidade: perspectivas teóricas, metodológicas e práticas. RECIIS – **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, dez. 2012. Disponível em: <http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/742/1385>. Acesso em: 28 maio 2025.

RANGEL-S, Maria Ligia et al. Comunicação e saúde – aproximação ao estado da arte da produção científica no campo da saúde. In: PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar. **Saúde coletiva: teoria e prática**. Rio de Janeiro: MedBook, 2023. p. 643–656.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. **Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter**. Galáxia, São Paulo, n. 41, p. 31–47, mai.–ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>.

RIBEIRO, Marcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. O que são e como lidar com as notícias falsas. Sur – **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 15, n. 27, p.

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

71–83, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2018/07/sur-27-portugues-marcio-moretto-ribeiro-pablo-ortellado.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS-D'AMORIM, Karina; MIRANDA, Maria Fernanda Oliveira. Informação incorreta, desinformação e má informação: esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 26, p. 1–23, 2021.

SHU, Kai et al. Fake news detection on social media: a data mining perspective. **ArXiv preprint**, 2017. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1708.01967>. Acesso em: 28 maio 2025.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 1998.

STEVANIM, Luan Felipe; MURTINHO, Renata. **Direito à comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

TV GLOBO. Transmissão do desfile das escolas de samba – Unidos do Viradouro. Globoplay, 2022.

VALLA, Victor Valla; GUIMARÃES, Maria Beatriz Lacerda; LACERDA, Ana. **Construindo a resposta à proposta de educação e saúde. Cadernos de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.